



OS IMPACTOS DA PANDEMIA DO COVID-19 NO TURISMO: UMA ANÁLISE A PARTIR DO TURISTA SERGIPANO¹

Larissa Prado Rodrigues²
Cristiane Alcântara de Jesus Santos³
Antonio Carlos Campos⁴

RESUMO

Os últimos acontecimentos instaurados pela pandemia da COVID-19 impuseram condições inéditas ao turismo em todo o mundo, dado o cenário de crise profunda que o setor enfrentou com as restrições de circulação (pelo alto risco de contágio da doença) e a consequente diminuição dos fluxos de turistas. Neste sentido, compreender os movimentos atuais e as demandas específicas dos turistas para futuras viagens após a pandemia se torna pertinente e indispensável, a fim de vislumbrar tanto o impacto deste evento sob a atividade turística quanto os sinais e tendências que auxiliem no levantamento de hipóteses sobre o futuro do turismo. Diante disso, o presente estudo enfoca as práticas dos turistas brasileiros, especificamente dos residentes em Sergipe após a disseminação do vírus, objetivando analisar os impactos da pandemia do COVID-19 na atividade turística e as mudanças de hábitos destes, antes e durante as viagens. Quanto aos procedimentos metodológicos, o estudo tem por base a pesquisa quali-quantitativa que englobou levantamento documental e bibliográfico; e também aplicação de questionários para os turistas sergipanos a partir da plataforma *Google Docs*. Como resultado, o estudo evidenciou que novos paradigmas se impõem à atividade turística, que enfrentará desafios na tentativa de retomada frente às exigências emergentes do consumidor-turista por mais segurança.

Palavras-chave: Pandemia, Turismo, Turista, Práticas Turísticas.

RESUMEN

Los últimos hechos provocados por la pandemia COVID-19 han impuesto condiciones inéditas al turismo en todo el mundo, ante el escenario de profunda crisis que enfrenta el sector con restricciones de circulación (por el alto riesgo de contagio de la enfermedad) y la consecuente disminución en los flujos de turistas. En este sentido, la comprensión de los movimientos actuales y las demandas específicas de los turistas para viajes futuros después de la pandemia se vuelve pertinente y esencial, para percibir tanto el impacto de este evento en la actividad turística cuanto

¹ Este estudo é um resultado parcial das pesquisas empreendidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Turismo em Tempos de Pandemia: uma abordagem geográfica pluri e trans-escalar da Universidade de São Paulo (USP), certificado pelo CNPq e coordenado pela Prof^a Dra. Rita de Cássia Ariza da Cruz.

² Mestranda em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo - USP. Bacharela em Turismo pela Universidade Federal de Sergipe - UFS, larissa4912@hotmail.com;

³ Geógrafa. Pós-Doutora em Geografia e Turismo, Universidade de Coimbra, Portugal. Doutora em Geografía, Planificación Territorial y Gestión Ambiental, Universitat de Barcelona, Espanha. Professora do Curso de Turismo da Universidade Federal de Sergipe – UFS, cristie09@uol.com.br;

⁴ Geógrafo. Doutor em Planificación Territorial y Gestión Ambiental, Universitat de Barcelona, Professor dos Cursos de Geografia da Universidade Federal de Sergipe – UFS, antonio68@gmail.com.



los señales y tendencias que ayuden a plantear hipótesis sobre el futuro del turismo. Por lo tanto, este estudio se centra en las prácticas de los turistas brasileños, específicamente los residentes en Sergipe luego de la propagación del virus, con el objetivo de analizar los impactos de la pandemia COVID-19 en la actividad turística y sus cambios en los hábitos, antes y durante el viaje. En cuanto a los procedimientos metodológicos, el estudio se basa en una investigación cuali-cuantitativa que incluyó un levantamiento documental y bibliográfico; y también aplicación de cuestionarios para turistas de Sergipe desde la plataforma Google Docs. Como resultado, el estudio ha apuntado que se imponen nuevos paradigmas a la actividad turística, que enfrentará desafíos en un intento por retomar las demandas emergentes de mayor seguridad de los turistas-consumidores.

Palabras clave: Pandemia, Turismo, Turismo, Prácticas Turísticas.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa parte da hipótese de que, enquanto um evento (na acepção filosófica), a pandemia do COVID-19 propõe um novo momento e acontecer com características singulares na dialética da continuidade/descontinuidade do processo histórico, apontando para o surgimento de novos sentidos e conteúdos às/das práticas sociais, porém sem superar os anteriores.

Desta forma, ao propormos a leitura da pandemia alicerçada a esta categoria, ratificamos que este fenômeno transformou (como portador) a ação presente e a projeção da materialização dos processos produtivos e de consumo, tendo rebatimentos diretos e indiretos nos espaços (fixos) e, principalmente, nas características dos deslocamentos (fluxos) como seu depositário final, tais como “[...] os eventos mudam as coisas, transformam os objetos, dando-lhes, ali mesmo onde estão, novas características” (SANTOS, 1999, p. 116).

Diante disso, o cenário pandêmico inaugurou novas dimensões ao trânsito entre a universalidade e a singularidade, abrindo possibilidades de leitura e análise a partir da particularidade enquanto mediação possível entre os níveis concreto e abstrato de reflexão. Neste sentido, elegemos a atividade turística enquanto recorte analítico como mediação na busca por explicar o específico enquanto expressão material-concreta do fenômeno tensionado, sem perder de vista a totalidade dialética, as metamorfoses constituintes das/nas práticas sociais elevadas à concretude da realização dos turistas mesmo em um momento adverso imposto pela pandemia.



Justificado pelos impactos causados em diferentes escalas – mundial, nacional, regional, local –, atividades produtivas, dentre as quais destacamos o turismo e, sobretudo, no cotidiano enquanto reprodução da vida que se vê invadido mais fortemente pelo tempo produtivo e da troca (CARLOS, 2020), os estudos empreendidos a partir dos acontecimentos mundiais capitaneados pela disseminação veloz de um vírus se evidenciam indispensáveis. Tal relevância se dá para a compreensão das dinâmicas, facetas, conflitos e condições que são renovadas e iluminadas no seio das contradições da reprodução da sociedade capitalista urbana que se realiza em um espaço mundializado que ora se torna fragmentado e particularizado, impondo a atividade turística restrições e/ou limitações específicas.

Isto posto, o presente artigo tem por objetivo analisar os impactos da pandemia do COVID-19 na atividade turística a partir do enfoque das práticas dos turistas brasileiros, especificamente turistas residentes em Sergipe, durante o período pandêmico, a fim de captar os “novos” movimentos caracterizadores enquanto tendências emergidas para o setor de turismo a partir do seu principal agente.

Mediante o objetivo supracitado, pretendemos demonstrar de que forma o evento recente e de grande impacto em todo o mundo com implicações escalares se evidencia na concepção e realização da “vida cotidiana no/do turismo” (NICOLAS, 2000, p. 98), possibilitando o condicionamento à negação de algumas das práticas sociais turísticas anteriores e o surgimento de preferências, critérios e condições anteriormente inexistentes condizentes aos novos limites impostos à reprodução da atividade.

Para tanto, o estudo tem por base metodológica a pesquisa quali-quantitativa que englobou levantamento documental e bibliográfico; e também aplicação de questionários para os turistas sergipanos a partir da plataforma *Google Docs*. O recorte temporal adotado para análise restringiu-se ao período entre os meses de abril do ano de 2020 e maio do ano de 2021. Já o recorte espacial enfocou os turistas do Brasil que tinham o estado de Sergipe por local emissor de suas viagens.



METODOLOGIA

Os procedimentos metodológicos utilizados neste estudo têm por base a pesquisa quali-quantitativa. Primeiramente, foi realizado o levantamento bibliográfico seguido da revisão de literatura, a fim de identificar produções que versam acerca da atividade turística antes e posterior ao cenário pandêmico, bem como produções mais recentes que enfocam o impacto deste mesmo sob diversos âmbitos nas ciências humanas e sociais.

Posteriormente, realizou-se o levantamento de documentos e decretos oficiais que regulamentam as atividades econômicas nos estados e municípios, assim como também foram coletados, consultados e/ou analisados os relatórios técnicos emitidos pelos órgãos oficiais e os relatórios técnico-científicos elaborados por pesquisadores da Universidade Federal de Sergipe, a fim de subsidiar a fundamentação dos resultados apresentados neste artigo. Ademais, buscamos elementos teóricos e metodológicos para fundamentar as premissas e hipótese propostas, além de justificar a relevância do presente estudo.

No que tange à pesquisa de tipo quantitativa, a técnica e instrumento de coleta e obtenção de dados se deu através da aplicação de questionários para os turistas a partir da plataforma *Google Docs*, a fim de atender a recomendação de isolamento social proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS). O formulário foi testado duplamente antes de ser disponibilizado online para obtenção de respostas a partir do dia 16 de março de 2021, tendo sido fechado e finalizado ao dia 24 de maio de 2021.

É importante ressaltar que esta pesquisa tem uma abrangência nacional, porém como já mencionado anteriormente, neste estudo serão apresentados os resultados no recorte espacial dos turistas que se deslocaram a partir do estado de Sergipe. Assim, a amostra (respostas obtidas) totalizou 317 inquiridos, apresentando um nível de confiabilidade de 95% e erro amostral de 5,5%.

O formulário de coleta foi dividido no seguinte grupo de questões: 1) Perfil sociodemográfico, enfocando local de residência, gênero, faixa etária, escolaridade, ocupação, renda etc.; 2) Não ter viajado a lazer, em que foram abordados fatores que influenciaram a decisão de não viajar; 3) Ter viajado por outros motivos; 4) Ter viajado a lazer, em que são destacados os fatores que influenciaram a decisão de viajar; 5) Características das viagens a lazer, ou seja, o destino e suas características, meios de transporte e de hospedagem, medidas de biossegurança.



Mediante esta abordagem, pôde-se captar o comportamento do turista a partir da leitura da sua tomada de decisão e os fatores que influenciam a realização (ou negação) de suas práticas no âmbito e momento da realização da atividade turística.

REFERENCIAL TEÓRICO

Os recentes acontecimentos mundiais instaurados pela pandemia do COVID-19 impuseram novas condições à práxis social, redefinindo as relações e o cotidiano enquanto reprodução da vida. Alguns setores foram mais afetados do que outros, o que revela o caráter desigual da pandemia. Dentre estes, destacamos o turismo, que depende do deslocamento espacial de pessoas para que a sua prática possa se desenvolver, tornado dificultado pelo alto índice de contaminação do vírus.

A partir do momento em que o mundo está diante de um evento de transformação (desigual) da práxis, todos os elementos subsumidos a este são colocados sob a tensão da mudança, na continuidade/descontinuidade do processo histórico que impõe novos conteúdos dos/nos lugares. Diante disso, a totalidade em movimento, renovada, se relaciona indissociavelmente e contraditoriamente com o particular, no qual a atividade turística é uma particularização mediadora que permite analisar as relações e conexões entre fenômenos, bem como a sua concretude no real.

Partimos do pressuposto de que o mundo explica o turismo em suas configurações e mutações (CRUZ, 2006) e que, simultaneamente, o turismo também fornece uma chave de interpretação do mundo em transformação.

Deste modo, estamos assistindo o descortinar de várias questões (a partir da dimensão do turismo) que se tornaram ainda mais aparentes durante a pandemia: a) a desigualdade sócioespacial e segregação social – (como manter o distanciamento social em um contexto em que muitos sequer têm onde morar?) – que se revela no ímpeto de determinados indivíduos e classes sociais burlarem as regras para manter o convívio social local e turisticamente; b) diferenciação e desigualdade espacial, que se acentuou na medida em que os países que ocupam os primeiros lugares do ranking dos principais receptores de turistas internacionais foram os mais afetados na primeira onda do COVID-19 e voltaram a ser os mais afetados na segunda onda após às flexibilizações impostas pelos governos, principalmente entre aqueles países que buscaram recuperar as



economias locais através do turismo, a exemplo da França e Espanha; e, c) o colapso político-econômico-ideológico que afetou alguns dos principais países emissores de turistas, uma vez que apresentam números de vítimas mortais elevados, a exemplo dos Estados Unidos da América e Brasil. Fato que ocasionou o fechamento de fronteiras, a interrupção das viagens e prejuízos trilionários para o mercado turístico.

Neste contexto, o estresse acumulado e os transtornos da mente causados pelo processo de passagem ao “novo normal” – alardeado pelos noticiários – marcado pelas inúmeras tarefas que se somam e centralizam no ambiente da casa, bem como pelo bombardeio de notícias sobre casos e mortes ocasionados pelo vírus, constituem o principal *gap* no qual o mercado turístico tem apostado constantemente na retomada do turismo no pós-pandemia visando suprir os prejuízos. De acordo com Carlos (2020, p. 12),

Se o tempo da valorização dominava as relações sociais com sua lógica moldando o comportamento de fora para dentro, agora ele ultrapassou o limiar da porta da morada, invadindo-a, literalmente. O espaço doméstico é, hoje, cada vez mais o ateliê onde o habitante vai transformando todos os momentos da vida privada em “trabalho em ação”. O home office subverteu a lógica e o uso do espaço privado da família, que se torna um espaço produtivo do capital subordinando o tempo familiar.

Neste sentido, o isolamento exacerbado somado e produtor do cotidiano tedioso, pouco movimentado pela impossibilidade de realização de atividades que antes eram promovidas fora da residência, fazem com que o turismo, a válvula de escape já conhecida, possa se configurar como uma possível e imediata solução para a tensão concentrada no lar pela imposição do tempo produtivo sob a vida.

Desta feita, tais problemáticas trazidas pela pandemia levariam a um desejo reprimido de viajar em alguns indivíduos como momento de descanso, “[...] uma válvula de escape para a ansiedade e as incertezas trazidas pelo novo coronavírus, sendo, portanto, absolutamente compreensível” (CRUZ, 2020a, s/p), revelando o fator de reparação social/pessoal que o turismo possui em si ao promover deslocamento temporário da residência cotidiana.

O Ministério do Turismo (MTur) conjectura que após o período de confinamento, os turistas buscarão pelo turismo de natureza, sinalizando, caso a hipótese seja ratificada, uma clara tentativa de fuga às privações do espaço urbano que impedem a realização da vida e do humano, contradições escancaradas pela/com a pandemia. Neste mesmo



sentido, o mercado enfoca na explosão de demanda turística reprimida que buscará por viagens internacionais no final do ano para “[...] se recuperarem do baque da pandemia”⁵. Não obstante, os agentes do mercado turístico têm apostado que o setor de turismo se constituirá em um dos principais motores de crescimento econômico no pós-pandemia.

Ao discutirmos o futuro do turismo é preciso que se façam análises situadas, principalmente, entre os turistas potenciais ávidos por descanso, relaxamento e fuga da realidade pandêmica dada às medidas restritivas de isolamento somadas ao caos social, econômico e político; as esferas da administração pública do turismo situadas no âmbito do Estado; e o mercado turístico, altamente impactado pelas mesmas medidas sanitárias que impuseram prejuízos desmedidos ao setor, estimados em cerca de U\$4,5 trilhões em 2020, segundo o *World Travel & Tourism Council* (Conselho Mundial de Viagens e Turismo), mas que anseiam pela rápida retomada do crescimento no setor, uma vez que consolidada a crença de que o turismo ainda é um setor econômico confiável e *resiliente* (BIANCHI, 2020).

Na escala mundo, de acordo com Bianchi (2020, p. 2) “[...] *a systemic paradigm shift towards more sustainable and equitable forms of tourism remains inconsistent and hindered by the relentless pursuit of growth and tourism’s integral role in the continuous expansion of capitalism*”⁶, de modo que, embora as estratégias mudem para que o mercado se adeque às novas demandas de saúde pública ensejada pelos turistas, as metas e, sobretudo, a tônica do crescimento neoliberal tendem a permanecer postas no cenário.

É certo que muitos organismos internacionais, a exemplo da *World Economic Forum* (WEF) e da *World Travel & Tourism Council* (WTTC), apontaram projeções para novos rumos do setor do turismo, assim como previsões que incorporavam transformações significativas no comportamento dos turistas a partir do novo cenário desenhado pela pandemia COVID-19.

Neste sentido, entre as várias possibilidades de analisar o campo sociológico do turismo, destacamos a possibilidade de compreender a percepção e o entendimento que

⁵ “Turismo aposta em demanda reprimida para retomada e não teme passaporte Covid”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/05/turismo-aposta-em-demanda-reprimida-para-retomada-e-nao-teme-passaporte-covid.shtml>. Acesso em 25 de julho de 2021.

⁶ “Uma mudança de paradigma sistêmico em direção a formas mais sustentáveis e equitativas de turismo permanece inconsistente e impedida pela busca implacável do crescimento e do papel integral do turismo na expansão contínua do capitalismo” (Tradução nossa).



está por trás de toda experiência turística atrelada a uma ou mais motivações por parte daqueles que consomem os produtos turísticos (turistas).

Embora Hajibaba et. al. (2015), no estudo sobre a resistência dos turistas em tempos de crises, mencione que os turistas não costumam mudar o comportamento de consumo, ou seja, mesmo em períodos de crises, mantém o hábito de viajar, é preciso averiguar com cautela o caso específico do impacto da pandemia do COVID-19 sob os deslocamentos temporários.

Com isso, torna-se importante refletir e analisar a contraposição gerada por essa crise sanitária, uma vez que alguns deixaram de viajar enquanto que outros optaram por viajar, porém com restrições e atentando-se aos protocolos estaduais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do início da pandemia, vários decretos e resoluções estaduais e municipais impuseram restrições de funcionamento de alguns setores produtivos, principalmente remetendo ao comércio e serviços. Dentre estes, as mais atingidas foram às atividades características do turismo (ACT): setor de alimentos e bebidas (A&B); meios de hospedagem; agências de viagens emissivas e receptivas; setor de transportes, sendo o modal aéreo mais afetado a partir do cancelamento de voos domésticos e internacionais; setor de eventos com a proibição de realização de eventos de qualquer natureza, além do fechamento de áreas de lazer e tradicionalmente turísticas, a exemplo de algumas praias urbanas. Fato que se mostrou imperioso para a manutenção dos deslocamentos, em comparação aos períodos anteriores.

Mesmo assim, de acordo com os resultados dos questionários aplicados aos residentes no estado de Sergipe com faixa etária acima de 18 anos, 43% realizaram alguma viagem de lazer no período e, ao menos, 63% destes viajaram mais de uma vez. Torna-se relevante salientar que 57% dos inquiridos mencionaram que as adoções de medidas de segurança e biossegurança por parte dos destinos escolhidos influenciaram e foram determinantes no momento de decisão por viajar durante o período pandêmico.

Entre os destinos escolhidos, a pandemia impôs os deslocamentos domésticos como preponderantes, uma vez que somente 1 viagem internacional foi assinalada. Desta forma, percebe-se que se mantêm inalterados os critérios de proximidade utilizados pelos turistas



sergipanos, em que os deslocamentos internos dentro do estado de Sergipe figuraram com 36,5%, e os destinos de Alagoas com 44% e Bahia com 19% se mantiveram com os maiores percentuais de viagens – estes dois últimos, importantes destinos receptores dos turistas sergipanos mesmo antes da pandemia. Tais dados também se refletem no meio de transporte utilizado, tendo em vista que os deslocamentos foram curtos e o carro próprio (72%) obteve destaque de uso para a chegada ao destino e concretização da viagem.

No entanto, torna-se importante ressaltar que se antes da pandemia os sergipanos buscavam os atrativos localizados nas capitais – Maceió e Salvador, respectivamente –, atualmente, de acordo com os dados da pesquisa, 32% buscaram os espaços naturais e 53% praias em área natural, em contraposição às praias localizadas em áreas urbanas (29%).

Entre os turistas sergipanos, o fato da instituição de novas rotinas de trabalho e estudo de forma remota foram os principais argumentos utilizados para influenciar a decisão de viajar a lazer. No entanto, outros fatores também foram mencionados como estado de *stress*, ansiedade, depressão (70%); e a necessidade/desejo de sair do ambiente doméstico repercutiu como determinante entre 63,5% daqueles que decidiram realizar alguma viagem a lazer. Este último aspecto está relacionado ao fato da residência se configurar nesse momento pandêmico como um espaço multifacetado (moradia, trabalho, estudo, lazer, etc), como aponta Carlos (2020, p. 12), “o *home office* subverteu a lógica e o uso do espaço privado da família, que se torna um espaço produtivo do capital subordinando o tempo familiar”, o que faz com que as pessoas tenham a necessidade de ter experiências em outros espaços.

Não obstante, a pesquisa também constatou que um percentual considerável dos inquiridos, 77,5% informaram que foram motivados a se deslocar por amigos e parentes, o que comprova que a escolha do destino foi induzida a partir das motivações e experiências vivenciadas por outros indivíduos.

As preocupações e protocolos recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e Organização Mundial do Turismo (OMT) acabaram por influenciar a escolha dos destinos pelos sergipanos, tendo em vista que os lugares mais buscados foram aqueles que adotaram algumas medidas de biossegurança (82%) e baixas taxas de contágio de COVID-19 e de mortes (63%). O fato de o destino apresentar ausência de aglomeração também foi importante na tomada de decisão de viajar entre 76% dos sergipanos. Este



aspecto remete às particularidades e características dos destinos visitados, que predominantemente se realizou entre áreas rurais no interior dos estados e em praias em área natural. Com isso, pode-se afirmar que “as cidades turísticas em todo o mundo deverão adotar estratégias, se adaptar e implementar os protocolos de medidas na tentativa de minimizar os riscos contra a COVID-19 para que se tornem capazes de atrair visitantes” (SANTOS; CAMPOS, 2021, p. 157).

Diante do exposto e identificado na pesquisa, observa-se que no contexto da retomada da atividade turística associando-se aos “novos” hábitos e critérios do consumidor turístico, os destinos precisarão estar atentos às medidas sanitárias, às capacidades de carga e, sobretudo, na identificação de pontos críticos que surgirão a partir das velhas ou novas práticas que serão engendradas pelos sujeitos sedentos por vivenciar novas experiências.

Apesar de vários destinos terem adotado medidas de segurança, estas não foram suficientes para manter o distanciamento social e/ou o uso consciente dos espaços, contribuindo para o surgimento de uma segunda onda de casos do COVID-19, a partir de março de 2021. Este problemático cenário foi refletido no entendimento dos turistas sergipanos quanto às práticas de turismo de lazer na pandemia e, por conseguinte, fora evidenciado nos resultados da pesquisa, uma vez que, por outro lado, 57% dos respondentes não realizaram viagens a lazer após a emergência do período pandêmico. Entre as principais justificativas para não realizarem deslocamentos, 83% dos inquiridos apontam o receio da contaminação (incluindo de amigos e parentes); 80% se viram impossibilitados de viajar dadas as medidas restritivas; e para 44% a falta de recursos financeiros foi preponderante na decisão de não viajar no período.

Desta forma, frente ao significativo número de inquiridos que apontam para o receio de contaminação durante viagens a lazer, é importante ressaltarmos o que já fora apontado por Santos e Campos (2021), que os turistas devem valorizar os destinos que priorizam as áreas naturais e as viagens constituídas essencialmente por núcleos familiares como alternativas e estratégias que possam atender seu novo perfil, pautado em novos hábitos e novas necessidades.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escala nacional, o Brasil apresenta sinais e tendências que nos ajudam a levantar hipóteses sobre o futuro do turismo no país. Segundo a análise realizada por Cruz (2020b, p. 12) “[...] os fluxos intrarregionais de turistas apresentam uma tendência de crescimento mais rápido em relação a viagens de longa distância, as quais talvez somente voltem a crescer após a ocorrência de uma vacinação em massa”.

Neste mesmo sentido, o mercado turístico também está atento a uma possível tendência de fortalecimento do turismo doméstico e regional considerando-se as pesquisas de demanda realizadas que sinalizam para o receio do turista em relação ao contágio durante a viagem⁷. É certo que a vacinação está avançando no Brasil, inclusive com números que ultrapassam a cobertura vacinal completa dos Estados Unidos⁸, mas também acompanhamos o aumento de casos no continente europeu⁹, o que coloca a Europa como epicentro e sinaliza a possibilidade de uma nova onda da doença.

Desta forma, a pandemia do COVID-19 tem moldado o comportamento do turista brasileiro no sentido de preferências por viagens curtas para ambientes controlados e com hospedagem em alojamentos que apresentem protocolos ou que evitem a convivência em ambientes fechados com outros indivíduos que não sejam àqueles que fazem parte do seu núcleo familiar. Como exemplo, podemos citar os alojamentos turísticos caracterizados por aluguéis de temporada que tem apresentado crescimento, tanto pelo custo mais baixo, quanto pela possibilidade maior de isolamento social. Esta análise também está posta nos dados da pesquisa realizada com turistas sergipanos, na qual 59,5% dos inquiridos optaram por alugar imóvel em plataformas específicas (Airbnb ou Booking.com).

Com a ausência de uma gestão pública efetiva para minimizar a disseminação do coronavírus no Brasil, a tendência é que o turismo retome de forma lenta ao seu patamar pré-pandemia, com destaque para dificuldades no que tange à atração de turistas

⁷ “Turismo regional é a tendência para o pós-pandemia”. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/pioneiro/economia/noticia/2020/08/turismo-regional-e-a-tendencia-para-o-pos-pandemia-13043753.html>. Acesso em 26 de julho de 2021.

⁸ Informação disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/covid-19-brasil-ultrapassa-eua-em-taxa-de-vacinacao-completa-25278545> Acesso em 16 de novembro de 2021.

⁹ Informação disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/reporter-brasil/2021/11/numero-de-casos-e-mortes-por-covid-aumenta-na-europa> Acesso em 14 de novembro de 2021.



estrangeiros, de modo que “[...] a tendência de predomínio dos fluxos domésticos sobre o número total de turistas que viajam pelo país deve aprofundar-se e estender-se no tempo” (CRUZ, 2020b, p. 13).

De fato, Cruz (2020b) preconiza que as capitais nordestinas dependentes dos fluxos advindo das regiões Sul e Sudeste e vice-versa, por exemplo, deverão sofrer mais e durante um tempo maior os efeitos da crise trazidas pela pandemia ao setor de turismo. Ou seja, regiões e lugares que recebem massas de turistas advindos de destinos distantes geograficamente evidentemente padecerão mais com baixo fluxo de visitantes e retomada lenta. Isso se intensifica com os preços elevados das passagens aéreas, uma vez que, mesmo que a vacinação esteja avançando, conforme mencionado anteriormente, associado a reabertura da economia e o aumento da demanda, os altos preços frustram os planos de viagens.

Apesar de todos os aspectos abordados neste artigo, inegavelmente trata-se de uma oportunidade para os destinos se reestruturarem frente aos desafios que já estavam postos, a exemplo do *overtourism* que afeta vários destinos consolidados em todo o mundo e; de outros e novos desafios que estão em iminência de surgir, como a proliferação das novas cepas virais que acabam por modificar as estratégias tanto de hospitalidade em vários países, quanto dos turistas no pré, durante e pós-viagem.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, R. V. Covid-19 and the radical transformation of tourism? **ATLAS Tourism and Leisure Review**, v. 2, 1-8, 2020.

CARLOS, A. F. A. A “Revolução” no Cotidiano invadido pela Pandemia. In: CARLOS, A. F. A (coord.). **COVID-19 e a Crise Urbana**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020. p. 10-17.

CRUZ, R. C. A. O grito de independência de turistas pelo mundo e no Brasil. **Le Monde Diplomatique Brasil**. São Paulo, 14 de setembro de 2020a. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-grito-de-independencia-de-turistas-pelo-mundo-e-no-brasil/>. Acesso em 25 de julho de 2021.

CRUZ, R. C. A. O evento da Covid-19 e seus impactos sobre o setor turismo: em busca de uma análise multi e trans-escalar. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. XIV, n° especial, 2020b.



CRUZ, R. C. A. Planejamento Governamental do Turismo: convergências e contradições na produção do espaço. In: **Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais**. São Paulo, 2006.

HAJIBABA, H.; GRETZEL, U.; LEISCH, F.; DOLNICAR, S. Crisis-resistant tourists. **Annals of Tourism Research**, 53, 2015, p. 46-60.

NICOLAS, D. H. La fuerza de lo efímero. Apuntes sobre la construcción de la vida cotidiana em el turismo. In: LINDÓN, A. (coord.). **La vida cotidiana y su espacio-temporalidad**. **Anthropos**, 2000. p. 95-122.

SANTOS, C. A. J.; CAMPOS, A. C. Reflexões sobre Residentes, Turistas e Espaços Públicos pós- COVID – 19. In: PORTUGUEZ, A. P.; TRIGO, L. G.G. **Turismo e saúde global: pandemia, pandemônio e novos rumos para o setor no Brasil e no mundo**. Ituiutaba: Barlavento, 2021, p. 140 - 168.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: espaço e tempo; razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.